

## **“Rapaz, você é mole demais”: algumas considerações sobre masculinidades violentas em Oeiras/PI (2015-2016)**

### *“Boy, you are too soft”: some considerations on violent masculinities in Oeiras, Piauí (2015-2016)*

**Antonio Bispo dos Santos**

Graduado em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus Professor Possidônio Queiroz – Oeiras/PI.  
E-mail: antoniosantosuespi@gmail.com

**Angela Maria Macêdo de Oliveira**

Doutoranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestra em História (UFPI). Profa Assistente III da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).  
E-mail: angelaoliveira@cchl.uespi.br.

**Resumo:** Este texto analisa experiências de masculinidades na cidade de Oeiras/PI a partir da análise de duas fontes: entrevistas e boletins de ocorrências. Foram analisadas representações tanto do passado quanto do presente. Como métodos de análise, recorreremos à metodologia da história oral e análise qualitativa dos registros policiais. Autores como ALBUQUERQUE JUNIOR (2003), CASTELO BRANCO (2008), CONNELL (2013), WELZER-LANG (2001) foram referências teóricas fundamentais para demarcar a construção social da masculinidade. Constatou-se nas fontes diferentes perfis masculinos, entretanto, um dos perfis mais recorrentes foi a masculinidade associada à violência. Por meio da comparação entre atributos vinculados à masculinidade a partir de duas gerações, percebemos algumas fissuras nos estereótipos atribuídos à masculinidade hegemônica, como os imperativos da negação, por exemplo, os que são associados tradicionalmente a feminilidade, como as madeixas longas.

**Palavras-chave:** História, Masculinidades, Violências, Oeiras/PI

**Abstract:** This text examines experiences of masculinities in the city of Oeiras in Piauí from two sources: interviews and police reports. Past and present representations were analyzed using the methodology of oral history and qualitative analysis of police records. Authors such as ALBUQUERQUE JUNIOR (2003), CASTELO BRANCO (2008), CONNELL (2013) and WELZER-LANG (2001) were fundamental theoretical references to demarcate the social construction of masculinity. Different masculine profiles were found in the sources, however, one of the most recurrent was masculinity associated with violence. By comparing attributes linked with masculinity from two generations, we perceived some cracks in the stereotypes attributed to hegemonic masculinity, such as the necessity of negating, for example, those traits traditionally associated with femininity, like long hair.

**Keywords:** History, Masculinities, Violence, Oeiras (Piauí)

## Introdução

Este texto trata de experiências de pesquisas contempladas pelo Programa Institucional em Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC<sup>1</sup>, desenvolvida na Universidade Estadual do Piauí, entre os anos de 2016 e 2017, no Campus Possidônio Queiroz, na cidade de Oeiras/PI. O Projeto de Pesquisa intitulado “Da legitimidade à condenação social: gênero e violência no município de Oeiras/Piauí (2006-2016)” teve como objetivo: cartografar as violências de gênero no município oeirense, ocorridas nas esferas pública e privado. Esse projeto possibilitou iniciar um levantamento de fontes que tratassem de violências de gênero em diferentes instituições no município e demandou novas pesquisas, algumas já foram concluídas e outras estão em andamento<sup>2</sup>.

As experiências de pesquisas proporcionadas pela Iniciação Científica constituem fases importantes para os discentes definirem temáticas, que na maioria das vezes se desdobrarão no Trabalho de Conclusão de Curso. Neste caso, foram significativos os diálogos ocorridos nos encontros do Grupo de Pesquisa História, Cultura e Gênero – GRUPEHCGE, bem como os primeiros contatos com os arquivos e as fontes. A temática escolhida, masculinidades, só foi possível após as experiências obtidas pelo PIBIC (2016/2017), que previa levantamento de fontes orais (com homens e mulheres envolvidos em situações de violências) e fontes escritas (boletins de ocorrência), estas constituídas pelo levantamento de fontes policiais que tratassem de violências de gênero localizadas na 4ª Delegacia Regional de Oeiras. Devido ao volume de dados, necessidade de organização e limpeza do acervo, constituído por diversos Livros de Registros de Ocorrências, o levantamento feito durante o período de vigência do PIBIC, ficou restrito aos anos de 2015 e 2016.

Além do levantamento das fontes oficiais e escritas, posteriormente, foram realizadas entrevistas, a partir da metodologia da história oral e, neste caso específico, foram feitos registros sobre trajetórias de vidas de alguns homens de diferentes idades, tentamos captar os significados que eles atribuíram à masculinidade, bem como entender o contexto e o envolvimento ou não em situações de violência. Esse contato inicial com as fontes e o próprio desenvolvimento da pesquisa, proporcionado pelo PIBIC, foi essencial para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão no Curso de História, intitulado “Masculinidade, alcoolismo e violência em Oeiras: a construção histórica dos gêneros (2015 - 2016), que foi defendido em 2018.

Para discutir masculinidades, é fundamental recorrer às imagens que os brasileiros e oeirenses esperam de si e do outro. Em nossa cultura, são imputadas aos homens características como honra, coragem, força, heroísmo, virilidade, ousadia, audácia. Por outro lado, são negadas características como fragilidade, sensibilidade, impotência. A masculinidade é uma construção social, deve ser percebida como atributos e aprendizagens ensinados e subjetivados desde a infância, fase da vida em que os meninos eram (e ainda são), ensinados a se comportarem de forma estereotipada, vinculados às prescrições ou modelos fechados considerados ‘adequados’

---

1. Momento importante na minha experiência universitária, pois, tive a oportunidade de iniciar na pesquisa por ocasião de ter recebido uma Bolsa de Ações Afirmativas, esta fez diferença para minha ‘sobrevivência’ no espaço acadêmico, no período de vigência do PIBIC não precisei trabalhar em outra atividade remunerada, pude com isso dedicar-me a pesquisa.

2. SANTOS, 2018; DANTAS, 2018; OLIVEIRA, 2020; OLIVEIRA; BRITO, 2020; OLIVEIRA, 2021.

ou não à comunidade na qual ele está inserido, desde muito cedo, “em sua socialização entre pares, meninos aprendem e legitimam certos comportamentos, por exemplo, correr riscos, para provar coragem e ousadia, violência para provar força, assédio sexual para provar virilidade” (URRA, 2014:126-127).

Ao tratar da primeira fase na vida dos garotos, o historiador Ivan Jablonka, por exemplo, aborda o percurso da formação dos valores viris, desde a tenra infância, como os listados pelo psicólogo Flávio Urna (2014). O autor cita que, desde muito cedo, é ensinado ao gênero masculino valores rígidos com o objetivo de levar a criança a considerar que, para ser aceito na comunidade, ele precisa ‘endurecer-se’, continuamente, a partir de um “longo caminho que deve percorrer o menino antes de se tornar um homem! Imberbe, delicado, frágil, impúbere, ele não possui nenhum dos atributos da virilidade” (JABLONKA, 2013: 37).

A partir do momento em que os meninos começam a deixar o contato mais direto com a mãe e passam a ter uma convivência com outros meninos na escola, na rua, ou outro espaço de socialização, como nas brincadeiras infantis ou em esportes vão “aprendendo” a se tornar homens. O sociólogo francês Daniel Welzer-Lang (2001) utiliza a metáfora *casa dos homens*, que são espaços de socialização simbólicos e físicos, para analisar as experiências cotidianas pelas quais os meninos aprendem a competir de forma violenta e serem agressivos, por exemplo, na escola, para se integrarem. Os pequenos começam a aprender que é ‘necessário’ ‘copiar’ comportamentos dos maiores, observam como nas brincadeiras dos corredores necessitam empurrar, agredir, discriminar para serem aceitos na comunidade masculina.

[...] aprender a respeitar os códigos e ritos na entrada da casa-dos-homens, se dissociando do mundo das mulheres e das crianças e saber a ser homem é aceitar a lei dos maiores [...] essa aprendizagem se faz no sofrimento [...] o pequeno homem deve aprender e aceitar o sofrimento [...] nos primeiros grupos de meninos ‘se entra’ em luta dita amigável (não tão amigável, assim se acreditamos no monte de choros, de decepções, de tristezas escondidas) para se estar no mesmo nível que os outros e depois para ser o melhor. Para ganhar o direito de estar com os homens ou para ser como os outros homens. A educação se faz por mimetismo. Para os homens é um mimetismo de violências [...] o exercício da violência é uma prática estabelecida entre os homens, desde tenra idade, vivenciada nos espaços de socialização. (WELZER-LANG, 2001: 462-463)

Portanto, fica evidente que a cultura da violência entre os meninos é aprendida desde muito cedo entre os homens a partir do mimetismo, ou seja, da imitação, a masculinidade violenta, atrelada também com as imagens de competição, portanto, não é inato, não é biológico é uma construção histórico-social conforme vimos com Daniel Welzer-Lang ao utilizar a metáfora *casa-dos-homens* para refletir sobre a construção do masculino a partir da prerrogativa da dominação e de uma cultura da violência, expressa nos mais diversos papéis sociais.

A historiografia sobre masculinidades<sup>3</sup> nos evidencia que desde infantes a prática de construção da identidade de gênero vai ocorrendo de forma estereotipada, começando na sociali-

3. Uma pequena lista foi detalhada nas referências

zação com a família. Meninos aprendem a serem violentos ou não, imitando comportamentos do pai, ou outro familiar, como por exemplo, avô, tio, padrinho. Essa aprendizagem contínua a ocorrer também em outros e espaços sociais, como na escola, ou práticas como os jogos, dentre outras.

Os meninos são ensinados a terem atitudes que o distanciassem de uma pessoa considerada ‘afeminada’, sendo isso, uma das principais funções das práticas atribuídas ao gênero masculino, que é justamente afastar o menino ao máximo de atitudes femininas na vida cotidiana, tanto no ambiente privado, quanto no ambiente público.

“A aprendizagem dos papéis é feita também com a ajuda de brinquedos – espadas, tambores, e bolas para uns, bonecas, cestos e pedaços de pano para outras – que lhes permitem imitar as ocupações dos adultos” (JABLONKA, 2013: 39). Essa prática evidencia assim, que desde cedo, as crianças já são direcionadas e preparadas para exercerem um papel prescrito e ‘definidor’ de suas identidades. Aos meninos são ensinados a conquistar o espaço público, se tornarem trabalhadores, provedores do lar.

Quanto às meninas, a elas era reservado o espaço privado, doméstico, ensinadas desde cedo a serem donas de casa, esposas e mães, por isso a separação entre os brinquedos. Meninas brincam com bonecas, para irem exercitando a aprendizagem do cuidado. Por que a gestão dos cuidados, seja dos outros ou da casa, é vista apenas como função feminina? É isso que se questiona, os meninos precisam ser ensinados desde cedo a cuidar também, e se as crianças tiverem brinquedos diferentes disponíveis, e pais ou cuidadores que percebam a importância dessa questão, os brinquedos podem começar a possibilitar mudanças futuras, quanto à gestão dos cuidados, algo importante tanto para os meninos, quanto para as meninas. As crianças são livres para brincarem com o que quiserem, entendemos que uma diversidade de opções só traz benefícios.

Entretanto, o que vemos é algo separado, fechado em caixas, por exemplo, nas lojas de brinquedos e/ou de material escolar, os itens continuam sendo pensados separadamente por cores para identificar o que ‘não deve ser’ para determinado gênero. Entendemos que essa questão é importante, quando pensamos nas aprendizagens, se desde cedo, meninos e meninas são ensinados a cuidarem de si e dos outros, eles crescerão sabendo que cuidados da casa, dos filhos, se tiverem, é responsabilidades de todos, e não apenas, das mulheres. Contemporaneamente, já percebemos mudanças, sem dúvidas. Entretanto, com as inúmeras conquistas sociais que as mulheres tiveram, elas continuam com uma sobrecarga maior com as atividades domésticas, em muitos lares, ainda é visto como função feminina e não dos dois gêneros.

A infância também é um momento em que os meninos começam a descobrir novas formas de liberdade, aprendem sobre as hierarquias de poder, as vivências e situações nessa ‘jornada’ para as próximas fases da vida, juventude, maturidade. Uma prática bastante comum no Nordeste, nas pequenas cidades, entre os meninos é a caça de pequenos animais, com baladeiras (estilingues), espingardas, dentre outros instrumentos. Para muitos, essa atitude é considerada um fator significativo para os meninos, ao chegarem nas suas casas, por exemplo, com os animais abatidos, momento que os pais poderiam reconhecer em seus filhos a coragem e habilidade para caçarem sozinhos, ou com grupo de amigos. Sobre esse item discutido o historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco nos ensina que era uma atividade essencialmente masculina,

muito além de lazer, era atividade atrelada à profissão,

[...] para caçar pequenos animais, utilizavam-se de baladeiras; os passeios à beira dos riachos, à cata de frutas nas redondezas, eram de extrema importância, estimulando-lhes o espírito audaz, livre, empreendedor, mas também tratava-se de uma forma de treiná-los, para que aprendessem a lidar com o gado, a administrar as fazendas, e a pescar e caçar – atividades masculinas por excelência nessa sociedade rural e pastoril (CASTELO BRANCO, 2008: 60)

Podemos compreender, a partir das pesquisas de (CASTELO BRANCO, 2008), que masculinidade dever ser entendida a partir das ideias e práticas ligadas a dada cultura, tempo e espacialidade. Por exemplo, em pequenas cidades, a prática da caça pode ser compreendida não apenas como forma de diversão, de desafio, de liberdade, notadamente, de atividade profissional para esses meninos já aprenderem desde muito cedo, a atividade da caça, para conseguir alimentos. Também pode ser percebida como uma metáfora, atrelada ao papel de dominador no campo da sexualidade, aquele que caça é o caçador ou ‘predador’, seja, nesse contexto, não dos animais, mas, de outras pessoas, especialmente o gênero oposto, o feminino, quando pensamos nos relacionamentos heteronormativos. Incorporando mesmo que de forma inconsciente uma relação de construção da masculinidade com ideias e práticas de violências, iniciadas com os passarinhos, posteriormente com as mulheres.

Alguns elementos estão ligados à construção e reafirmação social da masculinidade na sociedade analisada, identificamos alguns atributos sobre o *ser* masculino, que é excluir nessa identificação identitária tudo ao que é *socialmente* identificado como característica considerada feminina, como por exemplo, demonstrar sentimentos.

Socialmente, espera-se que os homens sejam provedores do lar, pela inserção social pelo trabalho; que eles tenham muitas experiências amorosas, que sejam violentos, que gostem de exibicionismos, que gostem de caçar, que façam uso de álcool, cigarros, alguns desses atributos podem ser negociados, ou substituídos, pelo seu baixo grau de valor social. Por exemplo, fumar cigarro tem um grau menor como valor social que a ingestão de bebidas alcólicas na cidade de Oeiras.

Associar a masculinidade ao trabalho é um atributo também valorizado, essa inserção masculina ao mercado de trabalho é um elemento ainda hoje indispensável na formação da masculinidade, “afinal de contas um homem deveria ser provedor, pois essas ações constituíam elementos definidores da masculinidade” (CASTELO BRANCO, 2008: 105).

O mundo do trabalho infelizmente, na sociedade analisada, ainda é predominantemente associado ao gênero masculino, mesmo muitas mulheres trabalhando no espaço privado ou público, ainda existe uma expectativa que seja apenas o homem o único a sustentar a casa, a esposa e filhos. O trabalho daria ao homem uma imagem positiva perante a sociedade, pois ele seria visto como homem capaz de sustentar uma casa, prover a família de bens materiais.

O artigo além desta longa introdução, foi desenvolvido em duas partes, na primeira, discutimos metodologicamente a importância do uso da história oral, posteriormente, analisamos algumas falas do entrevistado sobre o que pensa sobre ‘ser’ homem e o significado da masculi-

nidade para ele. Na segunda parte, foram analisadas as fontes oficiais, constituídas de boletins de ocorrências, coletados na Delegacia de Polícia Civil de Oeiras/PI.

## **As fontes orais na pesquisa em História e algumas experiências de masculinidades oeirenses**

A metodologia da História Oral é uma ferramenta de análise das fontes orais, fontes construídas a partir de entrevistas, que começa desde a escolha das perguntas do roteiro até a transcrição da entrevista.

[...] no caso de entrevistas de história oral, ela também requer uma preparação criteriosa, que nos transforme em interlocutores a altura de nossos entrevistados, capazes de entender suas expressões de vida e de acompanhar seus relatos (ALBERTI, 2004: 19)

Ao sermos interlocutores dessas experiências cotidianas e termos em perspectiva o objeto deste texto, que são as representações das masculinidades na microrregião de Oeiras, é interessante perceber algumas permanências, como também transformações sobre os significados ou elementos que caracterizam a masculinidade, comparando por exemplo, duas gerações distintas, para perceber no que elas se assemelham e no que elas se distanciam. Assim associando as subjetividades das memórias individuais, como também das memórias coletivas construídas sobre a temática e adquirida como aprendizagens masculinas.

Assim, como quaisquer outras fontes de pesquisa precisam ser analisadas criticamente, não é diferente quando se trata do relato oral, pois, os entrevistados, ao narrarem suas vivências cotidianas trazem um pouco de suas subjetividades, as memórias acionadas são carregadas de silenciamentos, enquadramentos, recortes. Entretanto, subjetividade e objetividade fazem parte de toda pesquisa, e é isso o que as enriquecem.

Nós somos atravessados não apenas por memórias individuais, mas também coletivas, por exemplo, de uma nação, de uma sociedade ou dos grupos sociais inseridos.

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992: 02)

Nos depoimentos colhidos, por meio de entrevista do tipo trajetória de vida, os entrevistados nos contaram suas percepções sobre o que é 'ser' homem, seus anseios, medos e principalmente seu contato com os atributos ou práticas masculinizantes, como os já exemplificados neste texto, e, notamos que um dos elementos mais recorrentes nas entrevistas foi a violência, tanto física, quanto simbólica.

A violência apareceu nas narrativas de diversas formas e dos mais variados graus. Pensa-se

desde violência que causam danos físicos, materiais, até danos psicológicos, com isso, partimos da perspectiva de Sócrates Nolasco (2001) para discutir como a violência está presente em quase todos os momentos do convívio humano, principalmente se considerarmos a constante disputa pelo “poder” como uma forma de propagação da violência simbólica.

Como afirma Durval Muniz (2003: 77), “parece que a masculinidade não está para todos os homens, ela deve ser tomada”, ele precisa a todo momento ‘provar’ que é homem. Compreendemos com isso que o envolver-se em conflitos é a maneira que foi ensinado aos homens a conseguirem seus objetivos, nem que para isso custe sua vida ou de outra pessoa, o correr risco ou exibir-se é o que importa, o que contribui para uma sociedade violenta, com práticas exacerbadas de intimidações das mais variadas formas.

Como forma de exemplificações dessas violências simbólicas, vivenciadas por homens ver-se algumas expressões como: “você não é homem não?”, “bebe como homem”, “homem não leva desaforo para casa”. Frases como essas muitas vezes fazem desencadear intimidações psicológicas, associadas a virilidade e que podem ter consequências violentas, especialmente para quem não sabe lidar com as circunstâncias e contextos que são interpelados, desencadeando, excitação ou ostentação pela força física, trazendo danos a si e a quem fez perguntas. Para além de uma ‘brincadeira’, essas perguntas podem humilhar e, são poucos que teriam inteligência emocional para relevarem tais provocações. Afinal, as ‘piadas’ e/ou brincadeiras, elas também ensinam sobre atributos para as masculinidades que devem ser valorizados ou desvalorizados em um determinado grupo.

Como podemos observar, a violência está presente em diversos momentos do convívio humano e geralmente é interpretado como ‘zoações’. Vejamos a fala de um entrevistado ao retratar como se configurava a dinâmica do grupo de amigos. Quando foi questionado sobre o comportamento dos amigos, em uma festa, onde eles competiam para provar quem ‘pegava’ mais mulheres, e um dos membros do grupo não chegou a encontrar uma garota que o quisesse:

[...] geralmente eles começavam a sorrir: iiii ihhh sorrindo da cara: pegou ninguém, saiu com a boca seca, passou a saliva para ninguém (risos) *tinham essa zoação todinha: rapaz tu é mole demais*, não pegou ninguém tanto de menina que tinha lá e tu não ficou com ninguém, *vai andar com a gente mais não, a próxima vez que não pegar está fora da turma* (risos), era isso chamava de mole e que não tinha pegado ninguém, e *sempre tinha aquela pressão de você ter que ficar, nem que seja com uma feia*, porque tinha uma ideia que depois das doze (SILVA, 2017, s/p, grifo nosso)

Os homens são caçadores, as mulheres são vistas como presas fáceis, vistas como objeto sexual, e como que se estivessem em uma ‘prateleira’, classificadas como bonita, feia. São vistas como ‘prêmios’ de apostas, e que caso algum dos rapazes da ‘turma’ não consiga conquistar são *moles*, metáfora explícita de cunho sexual, insinuando que falhou, não foi ativo demonstrando todo seu ‘potencial’ sexual. Existe uma pressão por parte do grupo, para que *todos* os integrantes ostentem suas conquistas amorosas, o que explícita para esse rapaz e seus amigos, que ser homem significa ganhar a aposta, ser bem-sucedido na ‘caça’ amorosa, ser homem é ter um ótimo desempenho sexual. Notadamente, o que mais assustava nessa confraria, era o fato de

que ao final da festa não ter conseguido uma parceira, significava não fazer mais parte do grupo: “não vai andar com a gente mais não, a próxima vez que não pegar está fora da turma”. O fato demonstra além de pressão, violências, como também uma prática recorrente entre os homens, falarem de suas conquistas amorosas. Ser homem nessa perspectiva, provar sua masculinidade a todo custo, e para manter-se no grupo, a condição necessária era não ser *mole*, no duplo sentido da palavra.

Podemos perceber isso como uma violência invisível, que foi naturalizada e que acima de tudo pressiona, oprime, dita o que *deve ser*, um dos atributos para continuar fazendo parte do grupo social de ‘amigos’. Há outros exemplos quanto às prescrições sobre o ‘ser’ masculino, era necessário participar de competições, para mostrar seu senso de ‘superioridade’ perante os outros homens, privar-se de seus próprios gostos para mostrar-se ‘macho’, como por exemplo, indicações sobre as adequações quanto o que vestir, as companhias que deveriam andar, até o corte de cabelo, podem ser exemplificadas como violência simbólica.

[...] teve um episódio, que eu com 13 a 14 anos deixei meu cabelo crescer [...], cabelo já estava aqui no ombro, então quando meu avô [...] conversava lá na roda dos amigos dele, com os mais velhos, quando eu passei, eles falaram: *corta esse cabelo rapaz, isso é coisa de mulher, é coisa de menina, quer ser é viado, já tinha essa ideia de cabelo grande é para menina, cabelo cortado curtinho é do homem*, aquilo me chocou bastante, eu até falei: mas, isso não tem nada a ver, mas sempre tem aquele negócio de querer reprimir, [...] homem tem que ser homem, tem que ser macho (SILVA, 2017, s/p, grifo nosso).

Nesse trecho da entrevista, fica evidente outros atributos para a masculinidade hegemônica, que é vista como heteronormativa, um homem ‘ideal’ não deveria ostentar elementos que tradicionalmente caracterizaria como sendo feminino, como o uso dos cabelos longos. Entretanto, essa prática foi questionada em grandes cidades e, ainda nos anos 1960, os cabeludos de diversas classes sociais, os hippies, os roqueiros, começaram a circular com as madeixas longas desafiando os que viam esse atributo como apenas feminino, o que nas cidades pequenas traziam desconfortos e desconfiança quanto a sua sexualidade masculina. O entrevistado deixa claro seu incômodo com a geração do avô e amigos dele, que implicava quanto ao uso dos cabelos longos por um homem, o que para ele é visto como algo unissex. Para esse entrevistado ter cabelos longos não diz nada sobre sua sexualidade, ele se identifica como hetero. Essa outra questão levantada na narrativa pelo entrevistado é que ser homem significa não ser homossexual, colocando a orientação sexual como algo normativo e excludente. Por isso, enfatizamos que não existe uma masculinidade, mas masculinidades, que em muitas situações uma será considerada hegemônica, e as outras, dissidentes.

Este tipo de violência é comum nas diferentes fases da vida, em especial na adolescência, mas não se restringe a ela, da passagem da infância a vida adulta é nesse período que se configura com maior força a construção da virilidade nos garotos. Retornando à entrevista, percebemos duas vertentes um confronto, uma masculinidade tradicional, exemplificada na figura do avô, que representa uma visão mais cristalizada sobre os atributos da masculinidade, enfatizando que os homens ‘precisam’ se comportar de forma viril a todo custo, andar como macho, de



cabelo curtinho, e que isso seria sinal de sua heterossexualidade.

Por outro lado, observa-se que os atributos para a masculinidade, como os cabelos curtos ou longos, são ressignificados, entretanto, observamos que avô e neto possam concordar quanto à questão da sexualidade, uma nova percepção quanto ao atributo de masculinidade é interpelada, para o neto, os atributos da corporeidade, no que diz respeito a cabeleira, são ressignificados, portanto, ter cabelos longos não é um impedimento de ser reconhecido e respeitado entre os seus amigos da mesma geração.

Esses perfis de masculinidades que permeiam nossa sociedade exemplificam que estão ocorrendo mudanças de forma muito lenta quanto aos atributos que caracterizam a masculinidade, entretanto, existem muito mais permanências com a cultura do avô.

## **O que nos informam os boletins de ocorrências sobre masculinidades**

O trato com fontes policiais são fontes riquíssimas sobre o cotidiano de uma sociedade. Entretanto, são fontes que requerem cuidado, especialmente, o pesquisador para se utilizar desses documentos é necessário seguir uma conduta ética, após receber prévia autorização do agente responsável pela instituição, deverá preservar o anonimato dos sujeitos envolvidos.

Os pesquisadores precisam lembrar que não existe imparcialidade, “documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou órgão que o escreveu’ (BACELLAR, 2006: 63), ou seja, não se ater aquela narrativa como única verdade, não analisar a fonte partindo apenas da perspectiva que ela foi escrita, pois como afirma Michel Foucault : “a análise do discurso assim entendida não desvenda a universalidade de um sentido” (FOUCAULT, 2014: 66).

Portanto, não podemos *comprar* esse discurso como única verdade, pois essas narrativas, embora oficiais, são carregadas de graus de preconceitos, visões de mundo de quem as escreveu, é importante questioná-los, interrogá-los. Entendendo isso, o pesquisador tem que levar em consideração os critérios básicos, como por exemplo, uma das principais perguntas a serem feitas: quem a redigiu? Quais foram as circunstâncias de produção dessa fonte?

Com isso, chega-se a um ponto muito importante e que causa muitas críticas ao sistema de atendimento nas delegacias. O atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica ou familiar nessas instituições, geram um determinado desconforto por parte de quem procura a delegacia, muitas vezes são julgadas, por isso a necessidade de um atendimento especializado, porque as mulheres em situações de violências já estão muito fragilizadas, muitas vezes demoram para procurar a delegacia, e quando chegam ao local, muitas vezes, o atendimento não é adequado.

E piora esse quadro, quando em uma cidade as denúncias de violências são recorrentes, e não existe delegacia especializada ao atendimento dessas mulheres, o que muitas vezes, pode ser um empecilho a mais nas inúmeras dificuldades que as vítimas têm para denunciar os atos de violências que sofrem. As dificuldades começam pela forma de abordagem, desde o registro dos boletins de ocorrências, às perícias de corpo-delito, sobretudo em casos de violências sexuais. Dessa forma, um número elevado de ocorrências não chega a ser registradas nessas instituições.

Com o surgimento da Lei 11.340/2006, conhecida como Maria da Penha vem se tentando articular ações de maneira a minimizar essas situações, como é o caso do art. n.º 8, incisos IV e VII, que prevê “a implementação de atendimento policial especializado para as mulheres, em particular nas Delegacias de Atendimento à mulher”. Além disso, “a capacitação permanente das Polícias Cíveis e Militares, da Guarda Municipal e Corpo de Bombeiros [...]” (BRASIL, 2006).

A Lei Maria da Penha tem o propósito de conscientizar não só as mulheres, mas também homens, para minimizar esse tipo de violência simbólica que as vítimas acabam sofrendo ao denunciarem algum tipo de violência. Por intermédio de políticas públicas, de realização de campanhas, promoção de eventos que tratem do assunto assim como, procurar parceria com outras instituições como: o Centro de Referência Especializada em Assistência Social – CREAS, dentre outros órgãos que amparam as mulheres vítimas de violências.

Considerando que vivemos em uma cultura da violência e associada à masculinidade hegemônica, considerada “ideal”, que na realidade não existe, seria apenas uma tentativa de manutenção de posturas e práticas nas quais não representam todos os homens, ou seja, cria-se um modelo de homem heterossexual, branco, forte, viril, violento, sem necessariamente ‘ser’ um padrão universal, existem diversas masculinidades, homens são diferentes. Entretanto, existe um discurso social para que se compreenda e tenha expectativa para que o perfil de masculinidade hegemônica seja o único a ser socializado e subjetivado desde a infância, conforme foi descrito anteriormente.

Como afirma Fabrice Virgili em um artigo intitulado “Virilidades inquietas, virilidades violentas” no livro *História da Virilidade vol. 3*, nota-se que:

Do alvorecer do século XX ao início do século XXI, os homens violentaram as mulheres, não como eles teriam agido contra outros homens, por razões crápulosas, políticas ou de rivalidade, mas porque eles achavam simplesmente que isso era normal e necessário à sua condição de homem (VIRGILI, 2013: 114).

A violência contra as mulheres era percebida e vista como costume, os homens foram ensinados desde a infância que para serem considerados ‘homens de verdade’, precisam subjugar, ser violento com outra pessoa, vencendo os ritos de passagens, especialmente mostrando sua dominação sobre as mulheres, práticas essas que há muito se criaram e ainda hoje têm reflexos alarmantes na sociedade com os altos índices de violência. A violência contra as mulheres (e contra outros homens) se tornou um problema de saúde pública, “decorrente de uma cultura machista e sexista, campo fértil de onde são plasmados os homens agressores” (BAHIA, 2014: 03).

Percebe-se assim como Foucault estava correto ao tratar dos poderes e micros-poderes, nota-se que as relações de gênero são relações de poder, onde o homem exerce seu poder sobre outros homens e sobre as mulheres.

O que se percebe ao analisar alguns perfis de masculinidades é que há um sentimento de posse do homem sobre a mulher e com isso, qualquer possibilidade “de perder aquela que se pensava possuir, funciona como uma negação do poder, da autoridade e da virilidade onipotente” (VIRGILI, 2013: 101). A manutenção do poder e da masculinidade do homem é colocado

a prova quando este “perde” a mulher, a qual ele tinha como objeto de seu domínio, esse fato, que mais se volta para uma perspectiva de problema psicológico, é reconhecido também como um problema social.

Vejam alguns boletins de ocorrências (BO’s), registrados na cidade de Oeiras, na Delegacia Regional de Polícia Civil. Nesses documentos nota-se que muitos homens cometem crimes no intuito de manter sua dominação, ou tentar provar sua virilidade sobre os outros homens e mulheres, como é explicitado a seguir, tentativa de assujeitar a ex-namorada.

Nº: 112391.001556/2016-66

Natureza da Ocorrência: **Ameaça**

Declara a noticiante que *há um ano vem sendo ameaçada pelo ex-namorado [...] que a noticiante diz que terminou o namoro [...] em fevereiro do ano passado e desde então ele passou a lhe ameaçar, tipo assim: “se você não for minha, não será de ninguém”*. (OEIRAS, 2016, grifo nosso).

Como podemos observar a ocorrência foi registrada em 2016, a natureza da ocorrência foi tipificada como ‘Ameaça’, a narrativa também informa que o término do relacionamento ocorreu há exatamente um (01)ano, portanto, o ex-namorado continuou reiteradamente a ameaça. Ela não tem sossego e na visão misógina e machista dele, ela não teria o direito de seguir a sua vida. A vítima, talvez por medo, não tenha feito a denúncia antes por entender que as ameaças fossem passageiras, entretanto, quando as ameaças se tornaram constantes e mais severas com risco de vida, ela registrou a denúncia.

Sobre o agressor, o que se percebe é que para manter o seu suposto domínio sobre a sua ex-companheira, recorre a violência psicológica, ameaçando-a de morte, “se você não for minha, não será de ninguém”, ou seja, expressão essa que indica além de uma dependência emocional, uma forma de coação para que ela não se envolva em outros relacionamentos, como se a mulher pelo fato de tê-lo namorado, seria uma propriedade sua.

O sentimento de posse sobre a mulher, mesmo numa relação não legalizada pelo matrimônio, transformava (e ainda transforma) em assassinos *homens inconformados com o abandono*, visto como equivalente à traição. Esse sentimento despertava, senão a tolerância, ao menos a compreensão da sociedade diante de crimes passionais cometidos por homens (LAGE; NADER, 2012: 293, grifo nosso).

Na afirmação das autoras, a violência ocorre em todos os tipos de relacionamentos íntimos, seja, namoro, noivado, não apenas casamento formal, mas, também os relacionamentos não legalizados, que nos boletins aparecem como *conviventes*, ou seja, é uma união estável não legalizada, os homens se sentem superiores as mulheres, não reconhecem o direito delas de seguirem uma vida sem eles, não aceitam serem abandonados, como se sua virilidade fosse ferida. O abandono tem equivalência de sentido ao da traição, ela na perspectiva dele não teria o direito de terminar o relacionamento. O que é mais chocante é perceber que muitas vezes essas atitudes vistas como ‘normais’ em uma sociedade com a analisada, como se de certa forma a sociedade

legitimasse esse tipo de comportamento.

As situações de violências não têm apenas os homens como agressores, têm-se em número bem reduzido mulheres que praticam violência contra os homens ou contra outras mulheres. Portanto, como vimos, a masculinidade tradicional atrelada a violência é uma construção cultural, não é inato, é importante, ressaltar que nem todos os homens oieenses reproduzem os estereótipos de ‘macho’ violento, como também provavelmente o de pai zeloso e provedor, a seguir exemplificaremos, uma dessas situações, o homem que sofreu violência, uma indagação nos rondou, o que motivou esse indivíduo denunciar? Possivelmente, seria julgado pelo escrivão que iria atendê-lo? Será que para esse homem, nem tudo se resolve com violência? O estereótipo de provedor e pai de família o mobilizou? Vejamos o caso.

Nº 112390.000138/2015-80

Natureza da ocorrência: **Ameaça**

Declara o noticiante que conviveu em regime de união estável com a pessoa de [...], coisa de um ano; que dia 14/01/2015, *após uma briga terminaram com o relacionamento*; que, afirma o noticiante que no ato da discussão, a noticiada ainda tentou lhe agredir com uma faca; que, nesta mesma data a amiga da mesma de nome [...] que por volta das 13 horas de hoje dia 22/01/2015, sua ex-convivente acompanhada de uma amiga de nome [...], *foi até o local de trabalho do noticiante, ocasião em que sua ex-convivente lhe fez várias ameaças de morte. Que, afirma o noticiante, que sua ex está grávida.* (OEIRAS, 2015).

A situação acima mencionada foi registrada em 2015, o senhor narra que o relacionamento deles era do tipo marital, união estável, que após uma briga houve o término, o que fica claro que partiu dele, e que com o desfecho a sua ex-convivente, inconformada ao que se supõe, ela *tentou* agredi-lo na residência e posteriormente no seu local de trabalho, ele sofreu ameaça de morte, dessa vez sua ex estava acompanhada de uma amiga, o que demonstra solidariedade feminina. Ficamos também sabendo que sua ex-convivente está grávida, e que o duplo abandono, não apenas em relação ao aspecto marital como também em relação ao filho, possivelmente tenha justificado essa senhora a tentativa de agressão e ameaça feitas ao seu ex-convivente, o que não justifica uma agressão.

Será que essa reação violenta da sua ex-convivente não foi uma reação à violência moral ou simbólica provocada por ele, como por exemplo, de possivelmente duvidar da paternidade? Não sabemos, mas supomos baseados na realidade sociocultural analisada é que para uma mulher, provavelmente sem trabalho, e agora tendo que sustentar-se e ao seu filho, não seria uma vida fácil, visto que existem índices alarmantes de abandono paterno, tanto material quanto afetivo.

Possivelmente, existem outros motivos por trás de uma denúncia dessas, pode ser até mesmo que este homem que registrou a ameaça sofrida, também seja um agressor, embora não tenha a agredido fisicamente, muitos homens não reconhecem violências que ele tenha causado a ela anteriormente, como violências psicológicas, morais e patrimoniais.

A narrativa dessa fonte policial traz também ao debate a não valoração do estereótipo de provedor e pai de família por parte desse homem. Possivelmente, ser chefe de família não es-

tivesse nos planos do homem que narrou a ameaça recebida. Outro ponto a ser destacado é que, geralmente, as mulheres agridem para se defender, detalhe ela estando grávida tem mais dificuldades ou menores chances de se defender, mas, na narrativa ganha destaque, uma versão que apenas ela *tentou* agredi-lo. O homem que fez a queixa contra a ex-convivente não mencionou detalhes da *briga* que tiveram antes do término do relacionamento. Não sabemos se o escrivão deu importância a esse detalhe, se aos menos perguntou, pelo menos não há detalhes na narrativa descritiva do boletim de ocorrência. Essa fonte de pesquisa traz elementos da diferença na linguagem, quando na descrição dos boletins em uma perspectiva de gênero, foi o que constatou (OLIVEIRA; BRITO, 2020), ao analisar os registros das queixas policiais em Oeiras, nos chamando a atenção para o fato de estarmos atentos quanto à constituição das fontes, não apenas quanto a sua materialidade, como também a sua linguagem e ao contexto da produção dessa fonte a partir do gênero (se masculino ou feminino) que escreve o relato do boletim de ocorrência.

Ao analisarmos os registros da queixa por gênero percebemos diferenças significativas, por exemplo, os boletins dos registros feitos pela policial do gênero feminino, eram narrativas mais densas, com mais detalhes da ocorrência, portanto, eram registros mais longos se comparado aos registros feitos por policiais do gênero masculino, operando o que chamou de sentimento de simpatia ou solidariedade masculina (OLIVEIRA; BRITO, 2020).

## Considerações finais

O campo historiográfico dos Estudos de Gênero alargou os objetos, as metodologias e teorias na escrita da História, as Masculinidades são tributários desse alargamento, vimos que ela é uma construção cultural, percebida também como atributo frágil que precisa provar aos outros a todo custo, vimos também que as masculinidades estão envoltas em ideias e práticas plurais.

Como a masculinidade é histórica e plural, significa que muda na temporalidade e sociedades, (e dentro desta), portanto, não é natural-biológica, os homens não nascem violentos, eles aprendem ao longo da vida a serem violentos, e que não devemos generalizar, alguns homens já estão desnaturalizando essa cultura da violência, os que estão sendo socializados no início deste século XXI também já estão crescendo com valores cada vez mais igualitários na sociedade, embora seja uma mudança muito lenta, enfatizamos que da mesma forma que existem na nossa sociedade homens violentos, existem também mulheres violentas, assim como existem homens pacifistas, existem mulheres pacifistas.

O que podemos considerar neste texto sobre alguns perfis de masculinidades e vivências cotidianas violentas em Oeiras, foi o fato de os gêneros, masculino e feminino estarem enredados em uma cultura patriarcal, machista e misógina, existem também algumas fissuras a essa questão cultural. Vimos que muitos discursos culturais e sociais tentem enquadrar todos os sujeitos em determinados padrões, os estereótipos, há indivíduos que não se prendem a estes padrões tradicionais de masculinidade ou feminilidade, e se (re)constroem e de formas subjetivas plurais.

A masculinidade tradicional (violenta) há muito tempo é responsável por mortes, tanto masculina quanto feminina, e que felizmente vem sendo questionada pelos movimentos feministas, estudar as masculinidades a luz da renovação que esse movimento político e igualitário trouxe é importante para remover as diversas opressões sociais, dentre elas as de gênero. A identidade masculina construída a partir de práticas perigosas como provar que é homem usando a violência, dirigindo alcoolizado, ou se envolvendo em situações de violência contra as mulheres, matar e morrer em nome de uma masculinidade doente são temáticas a serem refletidas e estudadas por fazer parte não apenas do passado, como também do nosso presente.

O *tornar-se homem* pode ser construído sob outros elementos como: o respeito, o cuidado, a empatia, ou seja, buscar novos atributos para a masculinidade, questionando os atuais, revestidos como vimos de pressão para ter que afirmar e reafirmar sua masculinidade a qualquer custo. A masculinidade também está em volta de medos que assombram: duvidarem da sexualidade ou de se parecerem femininos, o que é algo que precisa ser desconstruído, porque somos diferentes e múltiplos, e que talvez ter um pouco de feminino ou de masculino em cada um dos seres humanos é valioso. Fato talvez que ajude os homens a serem mais empáticos e assim construírem uma sociedade que possam viver sem violência, ou com menos violência para que mulheres e homens possam construir juntos uma sociedade mais justa, democrática com igualdade entre os gêneros.

## Referências

### Fontes

BAHIA, Ministério Público. Centro de apoio Operacional dos Direitos Humanos. Grupo de Atuação Especial em Defesa da Mulher. *Papo de homem: unidos na prevenção da violência doméstica e na promoção da convivência pacífica*. Salvador: Ministério Público da Bahia, 2014.

BRASIL. Presidência da República. *Lei Maria da Penha*. Lei nº 11340/2006. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 2006.

OEIRAS. Delegacia Regional de Polícia Civil. *Boletim de Ocorrência*. Nº 112390.000138/2015-80. 2015.

OEIRAS. Delegacia Regional de Polícia Civil. *Boletim de Ocorrência: ameaça*. Nº112391.001006/2015-66. 2015.

SILVA, M. D. F da. *Entrevista concedida a Antônio Bispo dos Santos*. Oeiras, setembro de 2017.

### Artigos/periódicos

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

OLIVEIRA, Angela Maria Macêdo de. Mapeando a violência contra as mulheres no sertão piauiense: os perfis das vítimas nos registros das queixas no ano de 2007. In: MARINHO, Jo-seanne Zingleara Soares; FONTINELES FILHO, Pedro Pio (orgs). *Anais do I Congresso Inter-nacional de Gênero, Práticas e Epistemologias: abordagens contemporâneas* (E-book). Teresi-na: FUESPI, 2021, p. 29-46. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/45>

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: \_\_\_\_\_. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol.5, n.10, 1992. pg. 200-212.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/generodh/gen_categoria.html). Acesso em 23 de dez de 2016

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. 2001  
*Monografia*

DANTAS, Valderlany Mendes. *A (in)visibilidade das violências praticadas contra mulheres e meninas na cidade de Oeiras no período de 2009 a 2016*. Trabalho de Conclusão de Curso (Gra-duação em História), Universidade Estadual do Piauí, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Masculinidade, alcoolismo e violência em Oeiras: uma análise da construção histórica dos gêneros (2015-2016)*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Gradua-ção em História), Universidade Estadual do Piauí, 2018.

### Capítulos de livros

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: \_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-79.

BOURDIEU, PIERRE. Sobre o poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 7-16.

JABLONKA, Ivan. A infância ou a viagem rumo a virilidade. In: \_\_\_\_\_. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: o triunfo da virilidade - o século XIX (vol 2)*. Tradução de João Batista Kreuch e Noeli Correia de Melo So-brinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 37-73

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Da legitimação à condenação social. In: \_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org). *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 286-312.

URRA, Flávio. Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência. In: BLAY, Eva Alterman. *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a vio-lência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 117-138.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In: \_\_\_\_\_. *História da virilidade vol. 3*. CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 83-114.

OLIVEIRA, Angela Maria Macedo de. BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Vidas que importam: violência de gênero e biopolítica no sertão piauiense (1994-2007). In: SOUSA NETO, Marcelo; ALVARENGA, Antônia Valtéria Melo; FONTINELES FILHO, Pedro Pio (orgs). *A história sob múltiplos ângulos: trajetórias de pesquisa e escrita* (vol. 2). Teresina: EdUESPI, 2020. p. 207-228. E-book: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/view/4/3/24-2>

### **Livros**

ALBERTI, Verena. *Ouvir e contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: a invenção do falo – uma história do gênero masculino (1920 – 1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina. EDUFPI, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

*Artigo submetido em 05/05/2021*

*Aceito em 30/06/2021*